

A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo

Max Weber

(1864-1920)

“Die Protestantische Ethik Und Der Geits des
Kapitalismus”. In: **Archiv für Sozialwissenschaft
und Sozialpolitik**. – Tübingen, 1904/5. Vols.: XX e
XXI.

Sumário

Introdução do autor

I

Filiação religiosa e estratificação social

II

O espírito do capitalismo

III

A concepção de vocação de Lutero

IV

Fundamento religioso do ascetismo laico

A) O Calvinismo

B) O Pietismo

C) O Metodismo

D) As Seitas Batistas

V

O ascetismo e o espírito do capitalismo

V

O ascetismo e o espírito do capitalismo

Para compreendermos a ligação entre as idéias religiosas fundamentais do protestantismo ascético e suas máximas sobre a conduta econômica cotidiana, faz-se necessário examinar com especial cuidado os escritos que foram evidentemente derivados da prática clerical. Para um tempo em que o além significava tudo, quando a posição social de um cristão dependia de sua admissão à comunhão, os clérigos com seu ministério, a disciplina da Igreja e a pregação exerciam uma influência (que pode ser apreciada nas coleções consilia, casus conscientiae, etc.) que nós, homens modernos somos totalmente incapazes de imaginar. Naquele tempo as forças religiosas que se expressavam por esses canais eram as influências decisivas na formação do caráter nacional.

Para os propósitos deste capítulo, embora não para as demais finalidades, podemos considerar o protestantismo ascético como um todo. Mas uma vez que o puritanismo inglês, que deriva do calvinismo, nos dá uma base religiosa mais consistente da idéia de vocação, colocaremos no centro da discussão, de acordo com o método que adotamos, um de seus representantes.

Richard Baxter ocupa posição destacada entre outros autores da ética puritana, tanto pela sua atitude realista e eminentemente prática como, ao mesmo tempo, pelo reconhecimento universal do seu trabalho, manifestado pelas contínuas reedições e traduções. Ele foi um presbiteriano e apologista do sínodo de Westminster, mas ao mesmo tempo, como muitos dos melhores espíritos de seu tempo afastou-se gradualmente dos dogmas do calvinismo ortodoxo. Interiormente se opunha à usurpação de Cromwell, assim como a qualquer revolução. Era desfavorável às seitas e ao entusiasmo fanático dos santos, mas tinha grande abertura quanto às peculiaridades exteriores e grande objetividade com seus opositores.

Dirigiu seu campo de trabalho especificamente para a promoção prática da vida moral por meio da Igreja. Perseguindo suas finalidades, como um dos sacerdotes mais bem sucedidos da história, colocou seus serviços à disposição do governo parlamentar de Cromwell e da Restauração, até se retirar do ofício sob esta última, antes do dia de São Bartolomeu.

Seu Christian Directory é o mais completo compêndio da ética puritana, inteiramente ajustado à experiência prática de seu próprio ministério. Como termo de comparação, usaremos o Theologische Bedenken de Spener como representante do Pietismo alemão, a Apology de Barclay dos quakers, e alguns outros representantes da ética ascéticas que, entretanto, por questões de espaço, serão os mais limitados possível?

Agora, ao examinarmos o *Saint s Everlasting Rest* ou o *Christian Directory* de Baxter, ou trabalhos semelhantes de outros, chama de imediato a atenção a ênfase colocada na discussão sobre a riqueza e sua aquisição nos elementos ebioníticos do Novo Testamento. A riqueza em si constitui grande perigo; suas tentações não têm fim, e sua busca não é apenas sem sentido, se comparada com a importância superior do Reino de Deus, mas também moralmente suspeita. Aqui o ascetismo parece voltado mais agudamente contra a aquisição de bens terrenos do que em Calvino, que não via na riqueza do clero nenhum empecilho à sua eficiência, mas antes via nisso uma expansão desejável de seu prestígio. E até lhe permitia aplicar seus recursos a juros. Exemplos de condenação da busca de dinheiro e de bens podem ser encontrados em grande quantidade nos escritos puritanos, e comparados com a literatura ética da baixa Idade Média, que era muito mais aberta nesse sentido. Além do mais, essas dúvidas foram consideradas com grande seriedade; basta examiná-las mais de perto para compreender suas implicações e significado ético. A verdadeira objeção moral é quanto ao afrouxamento na segurança da posse, ao gozo da riqueza com o ócio conseqüente e às tentações da carne e, acima de tudo, ao desvio da busca de uma vida de retidão. De fato, a posse é condenável apenas por envolver tais perigos de relaxamento. Pois o eterno repouso dos santos se encontra no outro mundo; o homem sobre a terra deve, para ter certeza deste estado de graça, “trabalhar naquilo que lhe foi destinado, ao longo de toda sua jornada. Não são o ócio e o prazer, mas só a atividade que serve para,, aumentar a glória de Deus, conforme a clara manifestação de Sua vontade. A perda de tempo é pois, em princípio, o mais funesto dos pecados. A duração da vida humana é por demais curta e preciosa para garantir a própria escolha. A perda de tempo na vida social, em conversas ociosas, em luxos” e mesmo em dormir mais que o necessário para a saúde, de seis até o máximo de oito horas, é merecedora de absoluta condenação moral.” Não se trata pois de reafirmar, com Franklin, que tempo é dinheiro, mas a posição é verdadeira em certo sentido espiritual. Ela é infinitamente valiosa, pois que cada hora perdida é perdida para o trabalho de glorificação a Deus.”

Assim, mesmo a contemplação inativa seria também sem valor, ou até diretamente repreensível, se ocorrer às expensas do trabalho diuturno do indivíduo.” Por isso, seria menos agradável para Deus que a ativa execução de Sua vontade dentro da vocação.

De mais a mais, o Domingo foi feito para isso e, de acordo com Baxter, são sempre aqueles que não cumprem com sua missão que não têm tempo para Deus, mesmo quando o momento o requer.”

Consoante isso, no trabalho principal de Baxter predomina uma pregação constante, freqüentemente quase apaixonada, de um trabalho físico ou mental duro e constante.

E isto devido a dois motivos distintos. De um lado, o trabalho é uma técnica ascética comprovada, como sempre tem sido na Igreja do Ocidente, em forte contraste não só com o Oriente, mas também com quase todas as regras monásticas do mundo. Em particular, apresenta-se como defesa específica contra todas as tentações que o puritanismo agrupou sob o nome de vida impura, cujo papel nunca foi insignificante.

O ascetismo sexual do puritanismo difere apenas no grau daquele monástico, mas não no princípio; e de acordo com a concepção puritana do casamento, sua influência prática é de muito maior alcance do que este. Por isso as relações sexuais, mesmo no casamento, só são permitidas apenas como meio desejado por Deus para aumentar Sua glória, de acordo com o mandamento “Crescei e multiplicai-vos”. Ao lado de uma dieta vegetariana e de banhos frios, contra todas as tentações sexuais é usada a mesma prescrição adotada contra as dúvidas religiosas e o sentido de indignidade moral: “Trabalhe com vigor na tua vocação”. Mas, a coisa mais importante é que, acima de tudo, o trabalho veio a ser considerado em si, como a própria finalidade da vida, ordenada por Deus. Nas palavras de S. Paulo, “quem não trabalha não deve comer valem incondicionalmente para todos.” A falta de vontade de trabalhar é sintoma da falta de graça.”

Aqui, a diferença do ponto de vista medieval torna se evidente. Tomás de Aquino também deu esta interpretação às palavras de Paulo. Mas para ele o trabalho era necessário só *naturali ratione* para a manutenção do indivíduo e da comunidade. Quando tal finalidade fosse atingida, o preceito deixaria de ter qualquer significado. De mais a mais, aquele só se referia à espécie humana, e não se aplicaria ao indivíduo isoladamente que pudesse viver sem trabalho, de suas posses; naturalmente, a contemplação, como forma de ação espiritual no reino de Deus, torna se preponderante sobre o sentido literal da injunção. Além disso, para a teologia popular da época, a mais alta forma de produtividade monástica consistia no aumento do *Thesaurus ecclesiae* por meio da oração e do canto. Tais objeções ao dever de trabalhar não só deixam de ter importância para Baxter, como ele frisa enfaticamente que a riqueza não exime quem quer que seja do mandamento incondicional? Mesmo o rico não deve comer sem trabalhar, pois mesmo que não precise disso para sustentar suas próprias necessidades, há o mandamento de Deus a que, tanto ele quanto o pobre deve obedecer.

Para todos, sem exceção, a Providência divina reservou uma vocação, que deve ser reconhecida e exercida. E esta vocação não é, como para os luteranos, – um destino ao qual deva se submeter e sair se o melhor possível, mas um mandamento de Deus ao indivíduo para que trabalhe pára a glória divina. Esta diferença, aparentemente sutil, teve conseqüência psicológicas profundas e relação com o maior desenvolvimento desta interpretação providencial da ordem econômica que começara com a Escolástica.

O fenômeno da divisão do trabalho e das ocupações na sociedade fora abordado, entre outros, por Tomás de Aquino, ao qual nos referimos oportunamente como uma conseqüência direta dos planos divinos. Porém o lugar designando para cada homem nesta ordem segue *ex causis naturalibus* e é aleatório (ou contingente, na linguagem escolástica). A diferenciação dos homens em classes e ocupações estabelecidas por meio do desenvolvimento histórico tornou se, para Lutero, como vimos, o resultado direto da vontade divina; a permanência do indivíduo no lugar e dentro dos limites demarcados por Deus para ele, era pois um dever religioso? Isto foi certamente a conseqüência, visto que as relações do utéanismo com o século eram geralmente incem desde início e assim permaneceram.

Os princípios éticos da reforma do mundo não podiam ser encontrados no reino das idéias de Lutero, que nunca conseguiu libertar-se de fato da indiferença paulina. O mundo, portanto, devia ser aceito como era, e só isso poderia se constituir em dever religioso.

Na visão puritana, porém, o caráter providencial do jogo dos interesses econômicos privados assume uma ênfase algo diferente. De acordo com a tendência puritana para as interpretações pragmáticas, o propósito providencial da divisão do trabalho é para ser reconhecido pelos seus frutos. Sobre isso Baxter se expressa em termos que, mais de uma vez, relembram a conhecida apoteose da divisão do trabalho de Adam Smith. A especialização das ocupações leva, uma vez que possibilita o desenvolvimento das habilidades, a uma melhora qualitativa e quantitativa da produção, servindo assim ao bem comum, que é idêntico ao bem do maior número possível. Até este ponto, a motivação é puramente utilitária e estritamente relacionada com o ponto de vista habitual de boa parte da literatura secular da época?

Mas o elemento caracteristicamente puritano aparece quando Baxter põe à frente de sua discussão a proposição: “fora da vocação bem definida, as realizações do homem são apenas casuais e irregulares, e ele gasta mais tempo no ócio que no trabalho”, e quando conclui com a seguinte: “ele (o trabalhador especializado) levará a termo seu trabalho em ordem, enquanto outros ficarão em constante confusão, E sua labuta não conhecerá nem tempo nem lugar”... e por isso ter a vocação certa é o melhor para todos”. O trabalho irregular, que o trabalhador comum é muitas vezes forçado a aceitar, é muitas vezes inevitável, mas sempre um indesejável estado de transição. O homem sem vocação carece pois daquele caráter sistemático e metódico que é, como vimos, requerido para o ascetismo secular.

A ética quaker sustenta também que a vida do homem na sua vocação é um exercício de virtude ascética, uma prova de seu estado de graça diretamente para sua consciência, que se exprime pelo zelo e método com os quais trabalha sua vocação. O que Deus requer não é o trabalho em si, mas um trabalho racional na vocação. No conceito puritano de vocação, a ênfase é sempre posta neste caráter metódico do ascetismo laico, e não; como *et utero*, na aceitação do fado designado irremediavelmente por Deus.

Assim é respondida definitivamente a questão sobre o indivíduo poder combinar diversas ações úteis para o bem comum ou para o bem dele, que não sejam nocivas para ninguém, e que não levem à inconstância em uma das vocações. Mesmo uma mudança de vocação não é de modo algum tida como censurável, desde que refletida e feita com o propósito de seguir uma vocação mais agradável a Deus,” o que significa, de acordo com os princípios gerais, mais proveitosa.

É verdade que a utilidade de uma vocação e pois sua aprovação aos olhos de Deus é medida primeiramente em termos morais e depois em termos de importância dos bens por ela gerados para a comunidade. A seguir porém, e em termos práticos acima de tudo, pelo critério mais importante da lucratividade do empreendimento. De fato, se Deus, cujas mãos os puritanos viam em todas as ocorrências da vida, aponta para um de Seus eleitos uma

oportunidade de lucro, este deve segui-la com um propósito; de modo que um cristão de fé deve atender a tal chamado tirando proveito da oportunidade. “Se Deus te mostra um caminho pelo qual possas, legalmente, obter mais que por outro (sem dano para tua alma ou de outrem), e se o recusares e escolheres o de menor ganho, estarás em conflito com uma das finalidades de tua vocação e estarás recusando ser servo de Deus, e aceitando Suas dádivas e usando-as para Ele quando Ele assim quis: podes trabalhar para ser rico para Deus e não para a carne e para o pecado”.

Assim, a riqueza seria eticamente má apenas na medida em que venha a ser uma tentação para um gozo da vida no ócio e no pecado, e sua aquisição seria ruim só quando obtida com o propósito posterior de uma vida folgada e despreocupada. Mas como desempenho do próprio dever na vocação, não só é permissível moralmente, como realmente recomendada. A parábola do servo que foi rejeitado pelo senhor por não ter feito frutificar o talento que lhe fora confiado, parece afirmá-lo claramente.” Querer ser pobre era, como foi mencionado várias vezes, o mesmo que querer ser doente;” era reprovável em relação à glorificação do trabalho e derogatório quanto à glória de Deus. Especialmente a mendicância por parte dos que estão aptos para o trabalho não é apenas um pecado de indolência, mas também uma violação, segundo as próprias palavras do apóstolo, S do dever de irmandade.

A ênfase da significação ascética de uma vocação fixa forneceu uma justificativa ética para a moderada divisão do trabalho em especialidades. De modo semelhante a interpretação providencial da obtenção de lucro justificou as atitudes dos homens de negócios.

A indulgência superior do senhor tradicional e a ostentação do novo rico são igualmente detestáveis para o ascetismo. Mas tem, por outro lado, um apreço ético mais elevado para com o sóbrio *selfmade man*” da classe média. “Deus abençoou seus negócios” é frase feita sobre aqueles homens bons” que seguiram com sucesso as sugestões divinas. Todo o poder do Deus do Velho Testamento que zela pela obediência do Seu povo nesta vida, exerceu necessariamente uma influência semelhante sobre os puritanos que, segundo o conselho de Baxter, comparavam seu próprio estado de graça com o dos heróis da Bíblia, e no processo de interpretação das afirmações das Escrituras como um livro de regras.

Obviamente, as palavras do Velho Testamento não eram totalmente isentas de ambigüidades. Vimos como Lutero usou primeiramente o conceito de vocação no sentido secular ao traduzir as passagens de Jesus Sirach. E isto embora o livro de Jesus Sirach pertença, assim como toda a atmosfera que ele expressa, àquelas partes do Velho Testamento ampliado caracterizadas por tendências tradicionalistas bem nítidas, apesar das influências helenísticas. É notável que, até os nossos dias, este livro parecia gozar de especial interesse entre os camponeses luteranos da Alemanha, assim como a influência luterana sobre grandes áreas do Pietismo alemão ter sido expressa pela preferência por Jesus Sirach.

Os puritanos repudiaram os apócrifos que consideram não inspirados, de acordo com sua severa distinção entre as coisas divinas e as coisas da carne.” E isso embora o livro de Jó

tenha tido a maior influência entre os livros canônicos. De um lado, ele continha uma concepção grandiosa da absoluta majestade soberana de Deus, para além de toda compreensão humana, estritamente relacionada à do calvinismo. Por outro lado, combinava com isso a certeza de que, embora apenas incidental em Calvino viria a se tornar da maior importância para o Puritanismo, Deus quisesse abençoar os seus diletos nesta vida, e no livro de Jó apenas nela, também no sentido material.” O quietismo oriental, que aparece em diversos dos melhores versos dos Salmos e Provérbios, foi deixado de lado, bem como o fez Baxter com o matiz tradicionalista na passagem da 1 Carta aos Coríntios, tão importante para a idéia de vocação.

Porém, toda a maior ênfase foi dada àquelas partes do Velho Testamento que apontam; a legalidade forma como uma marca da conduta que agrada a Deus. Ele sustenta a teoria segundo a qual a Lei Mosaica teria perdido sua validade através do Cristo apenas na medida em que continha preceitos cerimoniais ou puramente históricos aplicáveis somente ao povo judeu, mas permanecendo ainda válida como expressão da lei natural, e devendo por isso ser mantida. Isto permitiu, por um lado, eliminar elementos que não poderiam ser reconciliados com a vida moderna; por outro, através dos numerosos pontos a isso relacionados, a moralidade do Velho Testamento foi capaz de dar um poderoso ímpeto àquele espírito de sóbria e farisaica legalidade tão característico do ascetismo secular desta forma de Protestantismo.

Assim, quando autores, como foi o caso de diversos contemporâneos e posteriores, caracterizam a tendência ética de base do puritanismo, especialmente na Inglaterra, como “hebraísmo inglês” não estão, se corretamente entendidos, errados. Contudo, é preciso não pensar no judaísmo da Palestina do tempo das Escrituras, mas no judaísmo como veio a ser sob a influência de diversos séculos de educação formalistas, normativa e talmúdica. E mesmo neste caso deve se tomar muito cuidado em fazer paralelos. A tendência geral do judaísmo mais antigo para uma aceitação ingênua da vida como tal, estava muito longe das características especiais do puritanismo. E estava tão longe, e isso não pode ser desconsiderado, da ética econômica do judaísmo moderno e medieval, justamente nos traços que determinaram a posição de ambos no desenvolvimento do *ethos* capitalista. Os judeus se identificavam com um capitalismo aventureiro, político e especulativo; seu *ethos* era, numa palavra, o do capitalismo pária. Mas o puritanismo se sustentava no *ethos* da organização racional do capital e do trabalho. Adotou da ética judaica apenas aquilo que se adaptava a tal propósito.

Analisar os efeitos da integração das normas de vida do Velho Testamento no caráter das pessoas, tarefa tentadora que, mesmo no judaísmo ainda não foi satisfatoriamente executada, seria impossível dentro dos limites deste trabalho. Além das relações já apontadas, deve ser mencionada acima de tudo a importância da atitude interior dos puritanos, de crença de serem eles o povo escolhido de Deus, que mostrou um grande renascimento. Mesmo o bondoso Baxter agradecia a Deus por ter nascido na Inglaterra, e pois dentro da verdadeira Igreja, e não noutro lugar. Tal agradecimento, diante da própria perfeição do indivíduo pela graça permeou a atitude diante da vida da classe média puritana

e desempenhou seu papel no desenvolvimento daquele caráter córieto, rígido e formalista característico dos homens da época heróica do capitalismo.

Tentemos agora esclarecer os pontos em que a idéia puritana de vocação e de prêmio inserida na conduta ascética estava limitada diretamente pela influência do desenvolvimento do modo de vida capitalista. Como vimos, este ascetismo se voltava com toda sua força contra uma coisa: o desfrute da vida e de tudo o que ela têm para oferecer. Isso talvez se mostre com mais clareza na contenda sobre o Book of Sportsb que James I e Charles I transformaram em lei com o propósito expresso de combater o puritanismo, com a ordem deste último para que fosse lido em todos os púlpitos. A oposição fanática dos puritanos às disposições do Rei, permitindo legalmente certa diversão popular no domingo, fora do horário dedicado à Igreja, não era interpretada apenas como uma perturbação do repouso do sábado, mas também como uma ofensa, uma digressão intencional da vida santificada que causava. E, por seu lado, as ameaças de severas punições por parte do Rei a qualquer ataque à legalidade daqueles esportes eram motivadas pelo seu propósito de quebrar a tendência ascética anti-autoridade do puritanismo, que era tão perigosa para o Estado. As forças feudais e monárquicas protegiam aqueles que buscavam a diversão contra a moralidade crescente da classe média e os conventículos ascéticos anti-autoridade, assim como a sociedade capitalista de hoje tende a proteger os que querem trabalhar contra a moralidade de classe do proletariado e do sindicato anti autoritário.

Contra isso os puritanos sustentavam sua característica mais marcante, o princípio da conduta ascética; sua aversão pelo esporte não era uma mera questão de princípio. O esporte seria aceito se ele servisse a um propósito racional, o da recuperação necessária à eficiência física. Mas como meio de expressão espontânea de impulsos indisciplinados, era lhes suspeito; e a medida que fosse apenas um meio de diversão, de estímulo ao orgulho, de despertar de baixos instintos ou do instinto irracional da aposta, era obviamente condenado. O regozijo impulsivo da vida, que afastava tanto do trabalho na vocação como da religião, era, como tal, inimigo do ascetismo racional, quer fosse na forma de esporte senhorial, de salão de baile, quer como taberna do homem comum.

Sua atitude era também desconfiada, e muitas vezes hostil para com os aspectos da cultura que não tivessem qualquer valor religioso imediato, Contudo”; não é verdade que os ideais do puritanismo implicassem em um solene e intolerante desprezo pela cultura. Bem pelo contrário, pelo” menos no caso da ciência, com exceção à odiada Escolástica. De mais a mais, os grandes nomes do movimento puritano eram profundamente arraigados na cultura renascentista. Os sermões dos oradores presbiterianos abundavam em citações de clássicos,” e mesmo os radicais, embora tivessem objeções contra, não se furtavam a mostrar a natureza de seu saber nas suas polemicas teológicas. Nenhum país, talvez, tenha jamais sido tão rico em formados quanto a Nova Inglaterra na primeira geração de sua existência. A sátira de seus oponentes como, por exemplo, Hudibras de Butler, ataca principalmente o pedantismo e a dialética altamente treinada dos puritanos. Isso em parte se deve à sua avaliação religiosa do conhecimento, derivada da sua atitude diante da fedes implícita dos católicos.

A situação, contudo, é completamente diferente quando se olha para a literatura não científica em especial para as artes plásticas. Seu ascetismo caía como gelo sobre a vida da *Merrie old England*. E não só as diversões mundanas sentiam seus efeitos. O ódio feroz dos puritanos para com qualquer coisa que cheirasse superstição, contra todo resquício de salvação mágica ou sacramental, aplicava-se às festividades natalinas como ao mastro de Maio,” e a todas as artes religiosas espontâneas. O ter ocorrido, na Holanda, uma arte muitas vezes singularmente realista, prova apenas o quão pouco a disciplina moral autoritária daquele país foi capaz de se contrapor à influência da Corte e dos dirigentes (classe dos rendeiros), e também à alegria de viver dos burgueses novos ricos, após a curta supremacia da teocracia calvinista ter se transformado na moderada Igreja de Estado, na qual o calvinismo perdera, visivelmente, o seu poder de influência ascética. b

O teatro era detestável para os puritanos, e com a estrita exclusão do erótico e da nudez da esfera da tolerância, não poderia existir uma visão tão radical tanto da literatura como da arte. O conceito de conversa fiada, futilidades e vã ostentação, todas elas designações de uma atitude irracional sem propósito objetivo, portanto não ascético, e especialmente que não servem à glória de Deus, mas ao homem, estava sempre disponível para decidir a favor da sóbria utilidade e contra as tendências artísticas. E isto era especialmente verdadeiro no caso da decoração pessoal, por exemplo no vestuário. A forte tendência para a uniformidade da vida, que hoje ajuda imensamente o interesse capitalista na padronização da produção teve seu fundamento ideal no repúdio de toda idolatria à carne.

Claro está que não podemos esquecer que o puritanismo trazia em si um mundo de contradições, e que o sentido instintivo da eterna grandeza da arte era certamente mais forte entre seus líderes que entre os Cavaleiros.” De mais a mais, um gênio único como Rembrandt, apesar de sua conduta parecer pouco aceitável para Deus, aos olhos dos puritanos, teve o caráter de seu trabalho fortemente influenciado pelo seu meio religioso. Mas isso não altera o quadro como um todo. Até que ponto pôde o desenvolvimento da tradição puritana, e em parte obteve, a poderosa espiritualização da personalidade foi decididamente benéfica para a literatura. Mas a maior parte deste benefício foi apurado por gerações posteriores.

Embora não possamos aqui nos aprofundar na discussão da influência do puritanismo em todas estas direções, chamamos a atenção para o fato da tolerabilidade do prazer dos bens culturais, que contribuíam para gozos puramente estéticos ou atléticos, mas que certamente esbarravam sempre contra uma limitação peculiar: eles não deveriam custar nada. O homem é apenas o fiduciário dos bens que lhe foram entregues pela graça de Deus. Ele deve, como o servo da parábola, prestar contas até o último centavo do que lhe foi confiado, e seria no mínimo perigoso gastar qualquer deles por qualquer propósito que não servisse à glória de Deus, mas apenas para seu prazer. Quem, que tenha os olhos abertos, já não encontrou um representante deste ponto de vista, mesmo no presente?” A idéia do dever do homem para com suas posses, ao qual se submete como um obediente encarregado, ou mesmo como uma máquina de ganhar dinheiro, onera sua vida com seu peso desalentador. Quanto maior a posse, desde que a atitude ascética para com a vida esteja dominando, mais pesado o sentimento de responsabilidade de mantê-la intacta para a

glória de Deus e de fazê-la crescer num esforço contínuo. As origens deste tipo de vida se estendem em certas raízes, como diversos aspectos do espírito do capitalismo, à Idade Média. Mas foi na ética do protestantismo ascético que encontrou fundamentos éticos consistentes. Seu significado para o desenvolvimento do capitalismo é óbvio.

Este ascetismo secular protestante, como foi recapitulado até aqui, agiu poderosamente contra o desfrute espontâneo das riquezas; restringiu o consumo, em espécie supérfluo. Por outro lado, teve o efeito psicológico de liberar a inibição da ética tradicional. Quebrou as amarras do impulso para a aquisição, não apenas legalizando-as, no sentido exposto, enfocando o como desejado diretamente por Deus. A guerra contra as tentações da carne, e da dependência das coisas materiais era, entre os puritanos, como disse expressamente o grande apologista do quakerismo Barklay, não uma guerra contra a aquisição racional, mas contra o uso irracional da riqueza.

Embora este uso irracional fosse considerado como forma extrema do luxo e seus códigos condenados como idolatria à carne, era contudo natural que aparecesse na mentalidade feudal. Por outro lado aprovavam o uso racional e utilitário da riqueza, desejado por Deus, para suprir as necessidades do indivíduo e da comunidade. Eles não queriam impor mortificações” aos homens ricos, mas o uso de seus meios para coisas práticas e necessárias. A idéia de conforto limita de modo característico a extensão dos gastos eticamente permissíveis. E naturalmente não é por acaso que o desenvolvimento do modo de vida coerente com tal idéia pode ser observado primeiro e mais claramente entre os representantes mais consistentes desta atitude global diante da vida. Contra a purpurina e a ostentação da magnificência feudal que, repousando sobre bases econômicas doentes, preferia a suja elegância à sóbria simplicidade, eles colocam o limpo e sólido conforto das casas da classe média como um ideal.

Quanto à produção da riqueza privada, o ascetismo condenava tanto a desonestidade como a avareza compulsiva. O que condenava como ganância, “mamonismo”, etc. era a busca da riqueza por si mesma, pois a riqueza em si é uma tentação. Mas aí o ascetismo tinha o poder de “sempre quer o bem, embora crie o mal”; o mal, neste sentido, era a posse e suas tentações. E em conformidade com o Velho Testamento e em analogia com a avaliação ética das boas obras, o ascetismo via a busca das riquezas como fim em si mesma como altamente repreensível; embora sua manutenção como fruto do trabalho na vocação fosse um sinal da benção de Deus. E mesmo mais importante que isso: a avaliação religiosa do trabalho sistemático, incansável e contínuo na vocação secular como o mais elevado meio de ascetismo e, ao mesmo tempo, a mais segura e mais evidente prova de redenção e de genuína fé, deve ter sido a mais poderosa alavanca concebível para a expansão desta atitude diante da vida, que chamamos aqui de espírito do capitalismo.”

Quando a limitação do consumo é combinada com a liberação das atividades de busca da riqueza, o resultado prático inevitável é óbvio: o acúmulo de capital mediante a impulsão ascética para a poupança.” As restrições impostas ao gasto de dinheiro, serviram naturalmente para aumentá-lo, possibilitando o investimento produtivo do capital. Infelizmente, o quanto esta influência foi poderosa, não é passível de demonstração

estatística exata. Na Nova Inglaterra, a conexão foi tão evidente que não escapou ao discernimento de um historiador preciso como Doyle. Mas também na Holanda, que foi de fato dominada pelo calvinismo estrito por apenas sete anos, a maior simplicidade de vida dos círculos religiosos mais sérios, combinada com uma grande riqueza, levou a uma propensão excessiva ao acúmulo de dinheiro.

Além disso, é também evidente que esta tendência que existiu em todos os tempos e em toda parte, e que é muito intensa na Alemanha de hoje, de enobrecer as fortunas da classe média, foi repelida pela antipatia puritana até as formas de vida feudal. Escritores mercantilistas ingleses do século XVII atribuíram a superioridade do capital holandês sobre o inglês à circunstância de que a riqueza recém adquirida ali não buscava regularmente o investimento em terras. E também, uma vez que não se tratava de uma simples aquisição de terras, não havia alia busca de restabelecimento de hábitos feudais, com o conseqüente impedimento de investimento capitalista.” A alta consideração pela agricultura como ramo importante da atividade, especialmente pelo Pietismo e compartilhada pelos puritanos, aplicava-se (por exemplo em Baxter) não ao grande proprietário da terra, mas ao pequeno proprietário rural e ao lavrador e, no século XVIII, não ao fidalgo rural, mas ao agricultor racional.” Desde o século XVII, dentro da sociedade inglesa como um todo, perpassou o conflito entre a classe dos proprietários rurais, representantes da “*merrie old England*”, e os círculos puritanos de influência amplamente variável.” Ambos os elementos, ou seja, uma intacta e ingênua alegria de viver de um lado, e uma conduta ética convencional e um autocontrole estritamente regulado de outro, estão ainda hoje combinados na formação do caráter nacional inglês. De modo similar, a história do começo das colônias norte americanas é dominada pelo agudo contraste entre os aventureiros que queriam implantar grandes plantations baseadas no trabalho de colonos contratados e viver como senhores feudais, e a visão tipicamente burguesa dos puritanos.

Até onde se estende a influência da mentalidade puritana, sob todas as circunstâncias e isso é muito mais importante que um simples encorajamento ao acúmulo – favoreceu o desenvolvimento da vida econômica racional da burguesia; foi a mais importante e, acima de tudo, a única influência consistente para o desenvolvimento desse tipo de vida. Foi, diríamos, o berço do homem econômico moderno.

Na verdade, tais ideais puritanos tendiam a ser transgidos devido à pressão excessiva das tentações da riqueza, como os próprios puritanos sabiam muito bem.

Encontramos com certa freqüência os mais genuínos adeptos do puritanismo entre as classes emergentes de estados inferiores, pequenos burgueses e fazendeiros, enquanto os beati possidentes, mesmo entre os quakers, são muitas vezes encontrados com a tendência a renegar os velhos ideais. Era o mesmo destino que de novo acontecia, e, como antes, envolvia o predecessor desta ascese secular, o ascetismo monástico da Idade Média. No último caso, quando a atividade econômica racional teve surtido seus completos efeitos pela conduta estritamente regrada e pela limitação do consumo, a riqueza acumulada ou bem era absorvida diretamente pela nobreza – como nos tempos anteriores à Reforma ou a

disciplina monástica sofria séria ameaça de se corromper, tornando necessária uma das numerosas reformas.

De fato, toda a história do monasticismo é, em certo sentido, a história da contínua luta com o problema da influência secularizante da riqueza. E o mesmo é verdade, em grande escala, quanto ao ascetismo secular do puritanismo. O grande ressurgimento do Metodismo, que antecedeu a expansão da indústria inglesa pelo fim do século XVIII, bem pode ser comparado com uma de tais reformas monásticas. Podemos aqui mencionar uma passagem de John Wesley que poderá muito bem servir de divisa para tudo o que foi dito antes; isso mostra que os líderes de tais movimentos ascéticos compreendiam perfeitamente bem as relações aparentemente paradoxais que foram aqui analisadas, e com o mesmo enfoque que nós.” Escreve ele:

“Temo que, sempre que aumentam os ricos, a essência da religião decresça na mesma proporção. Por isso, dada a natureza das coisas, não vejo como seja possível, que se mantenha o ressurgimento da verdadeira religião. Pois a religião deve necessariamente produzir tanto a operosidade e a frugalidade, e isso não pode produzir senão riqueza. Mas aumentando os ricos, aumenta também o orgulho, a cólera e o mor ao inundo e todos seus aspectos.

Como seria possível que o Metodismo que é uma religião do coração, embora esteja agora viçosa como uma árvore florescente, continuasse neste caminho? O metodistas, em toda parte, tornaram-se laboriosos e frugais e, em consequência, aumentaram seus bens. E com isso cresceram proporcionalmente em orgulho, em cólera, no desejo da carne, no desejo dos olhos e no orgulho da vida. Assim, embora a forma da religião permaneça, seu espírito rapidamente se esvai. Não haverá um meio de se evitar isso, a decadência contínua da pura religião? Não devemos deixar de alertar para que sejam laboriosas e frugais; devemos exortar todos os cristãos a ganhar tudo o que puderem e a economizar tudo o que for possível; isto é, de fato, enriquecerem”.

A seguir vem a exortação para que, aqueles que ganham tudo o que podem e guardam tudo o que podem, devem também dar tudo o que puderem, para assim crescer na graça e ajuntar um tesouro no céu. Está claro que Wesley expressa aqui, em detalhes, aquilo que tentamos assinalar.

Como Wesley disse aqui, os efeitos econômicos plenos de tais grandes movimentos religiosos, cujo significado para o desenvolvimento econômico está acima de tudo na sua influência ascética de sua educação, manifestava-se, em geral, depois de passado o agudo entusiasmo inicial puramente religioso. Quando então a intensidade da busca pelo Reino de Deus começava a se transformar gradualmente em sóbria virtude econômica; as raízes religiosas esvaem-se lentamente para dar lugar à mundanidade econômica. Aparece então, como no Robinson Crusoe de Dowden, o homem econômico isolado que leva a cabo atividades missionárias no lugar da busca espiritual solitária pelo Reino do Céu do peregrino de Bunyan, apressado através do mercado da vaidade.

Quando, mais tarde, o princípio “fazer o máximo tanto para esta como para a outra vida” tornou-se dominante, como apontou Dowden, uma boa consciência tornou-se simplesmente um dos meios de desfrutar uma confortável vida burguesa, como está bem expresso no provérbio alemão do “travesseiro macio”. O que a grande época religiosa do século XVII legou a seus sucessores utilitaristas foi, acima de tudo, uma consciência surpreendentemente boa, poderíamos até dizer farisaicamente boa, do enriquecimento monetário, desde que por meios lícitos. Todo *trago placere vix potest* havia pois desaparecido.

Surgiu uma ética econômica especificamente burguesa. Com a consciência de estar na plenitude da graça de Deus e visivelmente por Ele abençoado, o empreendedor burguês, desde que permanecesse dentro dos limites da correção formal, que sua conduta moral estivesse intacta e que não fosse questionável o uso que fazia da riqueza, poderia perseguir seus interesses pecuniários o quanto quisesse, e sentir que estava cumprindo um dever com isso. Além disso, o poder do ascetismo religioso punha-lhe à disposição trabalhadores sóbrios, conscienciosos e extraordinariamente ativos, que se agarravam ao seu trabalho como a um propósito de vida desejado por Deus.

Finalmente, dava-lhe a confortável certeza de que a distribuição desigual da riqueza do mundo era uma disposição especial da Divina Providência que, com estas diferenças e com a graça particular, visava suas finalidades secretas, desconhecidas dos homens. – Calvino mesmo já emitira a opinião, muitas vezes citada de apenas quando o povo, isto é, a massa de trabalhadores e artesãos fosse pobre, conservar-se obediente a Deus. – Na Holanda (Pieter de la Court e outros) havia sido secularizado que a massa humana só trabalharia quando a necessidade a forcesse a tanto. Esta formulação de uma idéia básica da economia capitalista entraria, mais tarde, nas teorias correntes da produtividade por meio de salários baixos. Aqui também, com a perda das raízes religiosas, insinuou-se imperceptivelmente a interpretação utilitarista, dentro da linha por nós observada repetidamente.

A ética medieval não apenas tolerava a mendicância como a glorificou, de fato, nas ordens mendicantes. Mesmo os mendigos seculares, uma vez que não tinham os meios de fazer boas obras por meio de esmolas, eram por vezes considerados como uma classe e considerados como tal. Mesmo a ética social anglicana dos Stuarts estava muito próxima desta atitude. Ficou reservado para o ascetismo puritano participar da severa legislação dos pobres, que mudou basicamente a situação. E pôde fazê-lo porque as seitas protestantes e as comunidades estritamente puritanas não conheceram de fato nenhuma mendicância em seu meio.

Por outro lado, do ponto de vista dos trabalhadores, o ramo pietista de Zinzendorf, por exemplo, glorificava o trabalhador leal que não buscava a riqueza, mas vivia de acordo com o modelo apostólico, sendo pois dotados do *charisma* dos discípulos. Idéias semelhantes haviam originariamente prevalecido entre os batistas, de forma ainda mais radical.

Agora, naturalmente toda a literatura ascética de quase todas as seitas está saturada da idéia de que o trabalho fiel, mesmo com baixos salários por parte daqueles cuja vida não lhe

ofereça outras oportunidades, é algo sumamente agradável a Deus. Nesse sentido, o ascetismo protestante em si não acrescentou nada de novo. Mas ele não apenas aprofundou poderosamente esta idéia, como também criou a força que foi, sozinha, decisiva para sua eficiência: a sanção psicológica pelo conceito de trabalho como vocação, o melhor meio e, muitas vezes o único, de obter a certeza da graça. E por outro lado legalizou a exploração desta vontade específica de trabalhar, interpretando também a atividade empresarial como vocação. Está óbvio o quão poderosamente a busca exclusiva do Reino de Deus pelo preenchimento do próprio dever vocacional, pelo estrito ascetismo imposto naturalmente pela disciplina da Igreja especialmente entre as classes despossuídas, afetaria a produtividade do trabalho, no sentido capitalista da palavra. A visão do trabalho como vocação tornou-se uma característica do trabalhador moderno, assim como a correspondente atitude diante da aquisição por parte do empresário. E foi a percepção desta situação, nova na época, que fez um observador tão agudo como William Petty atribuir o poder econômico da Holanda do século XVII ao fato de numerosos dissidentes daquele país (calvinistas e batistas) “serem em sua maioria homens sóbrios, de opinião e que tem o trabalho e a operosidade como um dever diante de Deus”.

O calvinismo se opunha à organização social orgânica, na forma fiscal monopolista que assumira no anglicanismo sob os Stuarts, especialmente nas concepções de Laud, ou seja, esta aliança da Igreja e do Estado com os monopolistas, fundamentada em bases de uma ética social cristã. Seus líderes eram os mais ferrenhos opositores deste tipo de capitalismo comercial e politicamente privilegiado, colonialista e escorchante. Contra isso eles posicionavam os motivos individualistas da aquisição legal e racional pela habilidade e iniciativa de cada um. E enquanto as indústrias monopolistas e politicamente privilegiadas na Inglaterra desapareciam uma atrás da outra, esta atitude desempenhou um grande e decisivo papel no desenvolvimento industrial que ocorreu contra e apesar da autoridade do Estado. – Os puritanos (Prynne, Parker) repudiavam qualquer conexão com os cortesãos e planejadores capitalistas de grande escala, como uma classe eticamente suspeita. Por outro lado orgulhavam-se de sua própria moralidade superior comercial burguesa, que veio a ser a verdadeira razão das perseguições que sofreram por partes daquelas círculos. Defendeu propôs derrubar a dissidência pelo boicote ao crédito bancário e pela retirada dos depósitos bancários. A diferença entre os dois tipos de atitude capitalista caminhava, em grande parte, lado a lado com as diferenças religiosas. Os opositores dos não conformistas, mesmo no século XVIII, os ridicularizavam como a personificação do espírito do vendeiro e por terem arruinado os ideais da velha Inglaterra. Nisto também residia a diferença entre a ética econômica puritana e a judaica; e seus contemporâneos (Prynne) sabiam muito bem que a ética capitalista” burguesa estava na primeira e não na segunda.

Um dos elementos fundamentais do espírito do capitalismo moderno, e não só dele mas de toda a cultura moderna, é a conduta racional baseada na idéia de vocação, nascida – como se tentou demonstrar nesta discussão – do espírito do ascetismo cristão. Bastará reler a passagem de Franklin citada no início deste ensaio para vislumbrar que os elementos essenciais daquela atitude que chamamos aqui de espírito do capitalismo, são os mesmos que acabamos de mostrar como conteúdo do ascetismo laico puritano, despidos apenas das bases religiosas, já mortas no tempo de Franklin. A idéia de que o moderno trabalho teria

naturalmente um caráter ascético não é nova. O limitar-se ao trabalho especializado, com a faustiana renúncia à universalidade do homem que envolve, é uma condição para qualquer trabalho válido no mundo moderno; daí que a realização e a renúncia, inevitavelmente, são, no mundo de hoje, mutuamente condicionadas. Este traço fundamentalmente ascético da vida da classe média, se é que pode ser considerado um estilo de vida e não apenas a falta de um, foi o que Goethe quis nos ensinar das alturas de sua sabedoria no *Wanderjahren* e no fim de vida que ele deu ao seu Fausto. Para ele, tal percepção significava a renúncia, a despedida de uma humanidade de plenitude e beleza que não mais poderia se repetir no curso de nosso desenvolvimento cultural, assim como não o pôde o florescer da cultura ateniense da antiguidade.

O puritano quis trabalhar no âmbito da vocação; e todos fomos forçados a segui-lo. Pois quando o ascetismo foi levado para fora das celas monásticas e introduzido na vida quotidiana e começou a dominar a moralidade laica, desempenhou seu papel na construção da tremenda harmonia da moderna ordem econômica. Esta ordem está hoje ligada às condições técnica e econômica da produção pelas máquinas, que determina a Vida de todos os indivíduos nascidos sob este regime com força irresistível não apenas os envolvidos diretamente com a aquisição econômica. E talvez assim a determine até que seja queimada a última tonelada de carvão fóssil. Na visão de Baxter, o cuidado para com os bens materiais deveria repousar sobre os “ombros do santo como um leve manto, que pode ser atirado de lado a qualquer momento” Mas o destino quis que o manto se tornasse uma prisão de ferro.

Uma vez que o ascetismo se encarregou de remodelar o mundo e nele desenvolver seus ideais, os bens materiais adquiriram um poder crescente e, por fim inexorável, sobre a vida do homem como em nenhum outro período histórico. Hoje, o espírito do ascetismo religioso, quem sabe se definitivamente, fugiu da prisão. Mas o capitalismo vitorioso, uma vez que repousa em fundamentos mecânicos, não mais precisa de seu suporte. Também o róseo colorido do seu risonho herdeiro, o Iluminismo, parece estar desvanecendo irremediavelmente, e a idéia de dever no âmbito da vocação ronda nossas vidas como o fantasma de crenças religiosas mortas. Onde a plenificação da vocação não pode ser diretamente relacionada aos mais altos valores espirituais e culturais ou quando, por outro lado, não precisa ser sentida apenas como uma pressão econômica, o indivíduo geralmente abandona qualquer tentativa de justificá-la. No campo de seu maior desenvolvimento, nos Estados Unidos, a busca da riqueza, despida de seu significado ético e religioso, tende a ser associada a paixões puramente mundanas, que lhe dão com frequência um caráter de esporte.”

Ninguém sabe quem viverá, no futuro, nesta prisão ou se, no final deste tremendo desenvolvimento surgirão profetas inteiramente novos, ou se haverá um grande ressurgimento de velhas idéias e ideais ou se, no lugar disso tudo, uma petrificação mecanizada ornamentada com um tipo de convulsiva auto significância. Neste último estágio de desenvolvimento cultural, seus integrantes poderão de fato ser chamados de “especialistas sem espírito, sensualistas sem coração; nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização nunca antes alcançado”.

Mas isto nos leva ao mundo dos julgamentos de valores e de fé, com os quais não precisamos sobrecarregar esta discussão puramente histórica. A próxima tarefa seria mais a de mostrar o significado do racionalismo ascético, apenas abordado pelo, esboço acima, quanto ao seu conteúdo de éticas sociais práticas, ou seja, quanto aos tipos de organização e funções dos grupos social, desde os conventículos até o Estado. A seguir, suas relações com o racionalismo humanístico,” seus ideais de vida e influência cultural. Depois teria de ser analisado em relação ao desenvolvimento do empirismo filosófico e científico, e de ideais espirituais e desenvolvimento técnico. Terá então de ser traçado, por meio de todos os ramos da religiosidade ascética, o desenvolvimento histórico, desde os primórdios medievais, do ascetismo laico até a sua transformação em puro utilitarismo. Só então poderá ser avaliada a importância quantitativa cultural do protestantismo ascético em suas relações com outros elementos plásticos da cultura moderna.

Aqui, apenas tentamos traçar os fatos e a direção de sua influência a partir de apenas um, embora importante, ponto de vista. Contudo, será também necessário investigar como o ascetismo protestante foi por sua vez influenciado em seu desenvolvimento e caráter pelo conjunto de condições sociais, e especialmente econômicas.” O homem moderno, mesmo com a melhor das vontades, é em geral incapaz de atribuir às idéias religiosas a importância que merecem em relação à cultura e ao caráter nacional. Não é porém meu intuito substituir uma interpretação causal materialista unilateral por outra interpretação espiritual, igualmente unilateral da cultura e da história. Ambas são viáveis”mas, se qualquer delas não for adotada como introdução, mas sim como conclusão, de muito pouco serve no interesse da verdade histórica.